A POSIÇÃO DO NARRADOR, RODRIGO S. M., EM A HORA DA ESTRELA, DE CLARICE LISPECTOR

Daniela Spinelli
Mestranda
Programa de Pós-Graduação
em Literatura e Crítica Literária - PUC-SP

RESUMO:

A Hora da Estrela redimensiona as pesquisas formais desenvolvidas por Clarice Lispector, a partir do instante em que a miséria de Macabéa torna-se o tema central do romance. Todavia, esse romance está longe de apresentar uma discussão centrada apenas na representação dos conteúdos materiais. **A Hora da Estrela** é o espaço em que o impasse da forma ganha corpo e densidade. Nessa chave, é preciso analisar Rodrigo S. M. como solução formal de uma literatura que realizou um ajuste de contas com o seu tempo e com a sua experiência social.

PALAVRAS-CHAVES:

Clarice Lispector, **A Hora da Estrela**, Rodrigo S.M..

ABSTRACT:

The Hour of the Star readjust the formal research developed by Clarice Lispector, on the instant that the misery of Macabéa became the central theme of the novel. This romance however is far from presenting a discussion linked only to representing the material contents. **The Hour of the Star** is the framework where the form predicament gains body and intensity. In this context, it is necessary to analyze Rodrigo S.M. as a formal solution of a literature that accomplished a settlement with its time and its social experience.

KEYWORDS:

Clarice Lispector, **The Hour of the Star**, Rodrigo S.M.

Clarice Lispector publicou **A Hora da Estrela** em 1977. O romance, desde o seu aparecimento, foi chancelado pela crítica literária como a obra-prima da escritora. Embora a sua produção já tenha despertado grande interesse dos nossos círculos intelectuais com o livro de contos **Laços de Família** e os romances **Perto do Coração Selvagem** e **A Paixão Segundo G.H**, parece-me notável que, diante da quantidade de obras de Clarice Lispector, Vilma Arêas, com a argúcia costumeira, tenha o seguinte juízo a respeito da história de Macabéa:

> **A Hora da Estrela** significa o final de uma trajetória. Narrativa do limiar, escrita à beira da morte, configura-se como o salto mortal de Clarice, até pelo título articulando-se ao percurso sinalizado antiteticamente por **A Paixão de G.H.** e **A Via Crucis do Corpo.** Nesse pequeno e dilacerante livro é possível discernir os sinais mais explícitos de uma maneira de ser, de uma voz que os vários narradores, "na verdade Clarice Lispector", tateiam nas cartas, nos apontamentos e nos textos literários. (ARÊAS, 2005, p. 74).

Vilma Arêas abre um campo de discussão a respeito d'**A Hora da Estrela** que extrapola os limites da obra, para lançar um olhar sobre a produção de Clarice Lispector antecedente à publicação de 1977. Afinal, trata-se de um romance que "significa o final de uma trajetória". É inevitável que o termo "trajetória" se confunda, portanto, com a noção de "projeto literário". Estaríamos diante de uma literatura que, quando vista no seu conjunto, constitui um *telos* para onde as inquietações da escritora se dirigem? Se Vilma Arêas estiver certa, faz-se inevitável relacionar **A Hora da Estrela** com os outros textos de Clarice Lispector, ora porque haveria neles traços comuns com aquela que é considerada a sua obra-prima, ora porque seria possível identificar o rumo da sua literatura. Esse movimento, aqui circunscrito à sua ficção, seria extensivo para a sua Fortuna Crítica. Isso por entender que o exame das leituras a respeito da produção literária de Clarice Lispector poderia fornecer algumas pistas a respeito dos temas caros à escritora bem como das variações que a sua literatura sofreu entre a publicação de **Perto do Coração Selvagem** e **A Hora da Estrela**; isto é, entre 1944 e 1977.

Em outros termos, **A Hora da Estrela** constituiria, dentro da produção literária de Clarice Lispector, o instante em que a escritora, frente ao restante de sua obra, (re)significou algumas das inquietações que nele se fizeram presente. Esse movimento implicou uma atenção da autora diante do percurso de sua literatura e, desse modo, uma espécie de ajuste de contas, muito particular, com as escolhas que fez. É preciso, contudo, advertir o leitor que tal processo não representa uma negação do que foi realizado; pelo contrário, parece-me que Clarice Lispector conseguiu retomar alguns temas e situações, já presentes em sua literatura, para realizar um julgamento crítico a respeito de sua produção. Se esse movimento pôs a escritora numa situação em que era preciso optar ora pela amplificação daquilo que se fez potência em outras obras, ora pelo abandono de caminhos formais que lhe eram característicos, ele também parece consagrar a sua maturidade

literária alcançada por uma perseverança exemplar (afinal foram 18 livros em 33 anos de atividade) e um apuro estético raro em nossa literatura.

A fortuna crítica e o tema da violência: o problema de A Hora da Estrela

Longe de ser ignorada pela Fortuna Crítica, a questão da violência, na obra de Clarice Lispector e n**'A Paixão Segundo G. H**. em particular, já foi anunciada por Berta Waldman como uma das chaves dessa literatura. Todavia, a leitura da Fortuna Crítica da escritora, quando os textos que a integram focam os livros anteriores a **A Hora da Estrela**, aponta para questões de natureza menos objetivas, próprias do círculo de preocupação da metafísica ou do propriamente literário. Em tese, este movimento parece-me menos de responsabilidade dos leitores da obra de Clarice Lispector que do caráter dessa produção. Caso tenhamos, além de **A Paixão Segundo G.H**., a lembrança de **A Maçã no Escuro**, **Água-Viva** *e* **A Cidade Sitiada**, é evidente que a temática social permanece em estado de latência na forma da ficção. O que, antes era promessa, torna-se, n'**A Hora da Estrela,** tema e objeto primeiro das inquietações da escritora. Afinal, o desenrolar dos acontecimentos encontra endereço na história da emigrante nordestina, analfabeta, moradora da cidade do Rio de Janeiro, cuja existência é contada por um narrador que, entre goles de vinho branco, se vê inconformado com o rumo dado por Macabéa à sua vida.

Mais uma vez quem parece lançar luz sobre esse problema é Benedito Nunes, embora a sua observação não enfoque nenhum romance em particular, e, sim, a obra de Clarice Lispector enquanto conjunto. Benedito Nunes parece contrapor-se a muitos autores que compõem a Fortuna Critica da autora de **A Hora da Estrela**. Para ele, o método de composição da literatura de Clarice Lispector é a recomposição temático-filosófica que busca perseguir a concepção do mundo inerente à obra literária. Por isso, ele almeja captar o estilo e o movimento da escrita de Clarice Lispector:

> Preocupamo-nos mais em caracterizar a atitude criadora da romancista, e a concepção do mundo, marcadamente existencial, que com essa atitude se relaciona, do que analisar a estrutura da criação literária propriamente dita.(NUNES, 1969, Introdução).

A reivindicação de Benedito Nunes nem é arbitrária nem é motivada por inclinações acadêmicas por essa ou aquela teoria. O que o crítico deseja, de fato, é apresentar a literatura, como problema, pois Clarice Lispector não entende a figuração estética alheia à ordem dos acontecimentos. Essa compreensão do projeto literário torna-se evidente quando Benedito Nunes debruça-se n'**A Hora da Estrela.**

A base da sua argumentação pode ser resumida de acordo com as seguintes premissas. Para o crítico, Clarice Lispector elabora, n'**A Hora da Estrela**, três histórias tecidas em um novelo cujos fios são indissociáveis. A primeira contempla a vida de Macabéa, uma migrante nordestina de

dezenove anos, que mora no Rio de Janeiro e trabalha como datilógrafa. Na segunda, o narrador, Rodrigo S.M., torna-se o centro das atenções. Serão as suas angústias como escritor que moverão a ação ficcional. A terceira, por sua vez, parece mais ambiciosa, pois a escrita de Clarice Lispector buscará definir a história da própria narrativa, enquanto gênero literário. Afinal, o centro de gravidade ao redor do qual giram as atenções da escritora extrapolam os limites da fábula, propriamente dita.

Nas circunstâncias formais do romance, a ambição de Clarice Lispector é verificar qual a legitimidade da sua narração, os desdobramentos de uma perspectiva cujo desenlace contempla tanto a personagem que ela segue por uma dezena de páginas, como o narrador que, sobre os percalços de Macabéa, debruça-se indignado. Dos elementos internos a Rodrigo S.M, do passado mítico judaico à periferia do Rio de Janeiro, Clarice Lispector desenha uma trama cujos nós estendem-se *ad infinitum*. Trata-se de uma situação que impõe à escritora o enfrentamento de questões mais complexas, uma vez que envolve a matéria narrada à matéria histórica e, ambas, à tradição ocidental. A natureza do pensamento de Benedito Nunes torna-se clara quando ele reflete sobre Rodrigo S.M., o narrador-personagem d'**A Hora da Estrela**. As hesitações dele, as digressões que realiza a respeito da narração servem de mote para Benedito Nunes apresentar a sua leitura da história de Macabéa.

Vamos para **O Drama da Linguagem**:

> A voz do narrador-personagem é bastante jocosa para anunciar que a história pobre da datilógrafa desenrolar-se-á acompanhada pelo ruflar de um tambor, "sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo, com gosto do cheiro de esmalte de unhas e de sabão Aristolino", e bastante séria para mediar o confronto da situação humana de Macabéa com o ofício e o papel do escritor. As peripécias da narração envolvem o dificultoso e problemático do ato de escrever – questionando quanto ao seu objeto, à sua finalidade e aos seus procedimentos. (NUNES, 1989, p. 163).

O centro de gravidade das considerações de Benedito Nunes é ocupado pelas inquietações de Rodrigo S.M. Algo dos apontamentos de Antonio Candido, quando da crítica que realizou sobre o romance de estréia de Clarice Lispector, naquele momento presente à margem da tese fundamental do ensaio, tornou-se, para o crítico, o problema fundamental d'**A Hora da Estrela**. Se o autor de **O Raiar de Clarice Lispector** indica que a jovem escritora colocou, **Em Perto do Coração Selvagem**, seriamente o problema do estilo e da expressão, Benedito Nunes diz que esse é o problema central da produção literária de Clarice Lispector. No primeiro, a intenção. No outro, objetivo último da representação literária.

Somente será possível entender a amplitude da leitura de Benedito Nunes se não esquecermos qual o princípio de sua análise. Vejamos mais de perto quais são os mares pelos quais ele navega: "O narrador da **A Hora da Estrela** é Clarice Lispector, e Clarice Lispector é Macabéa tanto quando Flaubert foi Madame Bovary." (Nunes, 1989, p.169). Por que será que um crítico

cioso dos problemas formais da representação literária faz uma afirmação, de cunho estético/subjetivo, para definir o romance mais nitidamente social de Clarice Lispector. O que se esconde entre a possível ligação, entre obra, escritor e matéria histórica? Afinal, qual a natureza da totalidade que Benedito Nunes enxerga em **A Hora da Estrela**?

Na trilha aberta pelo crítico, Clarice faz-se personagem do enredo e a sua presença disputa a prevalência da voz com a do narrador Rodrigo S. M.. Afinal, Clarice Lispector revela-se, enquanto elemento narrativo, na dedicatória da obra. Entretanto, ao contrário de Flaubert, que permaneceu sempre como narrador, por trás de seus personagens, Clarice pratica "o jogo da identidade". Clarice Lispector exibe-se, sem disfarce, ao lado de Macabéa:

> Também ela persona, em sua condição patética de escritora (culposa relativamente à moça nordestina), finge ou mente – mas sabendo que finge ou mente – para alcançar uma certa verdade humana acerca de si mesma e de outrem. A escritora se inventa ao inventar a personagem. Esta diante dela como de si mesma. Em sua escritura errante, autodilacerada, repercute, secretamente e em permanência, a pergunta – Eu que narro, quem sou eu?,. em uma réplica ao Cogito de René Descartes (Penso, logo sou). (NUNES, 1989, p. 169).

A novidade da leitura de Benedito Nunes encontra-se na aproximação que ele sugere existir entre a literatura e a própria vida. A condição do escritor, as inquietações que movem a urdidura ficcional refletem a própria condição do vivente que almeja saber qual a razão de sua existência. É nesse ponto, habilmente definido por Benedito Nunes, que a literatura transforma-se em um organismo vivo capaz de tudo compreender. Assim, as questões literárias, por mais que pareçam restritas à literariedade, tornam-se evidências da "calamidade pública", termo extraído da dedicatória d'**A Hora da Estrela**. O ato de narrar constitui um princípio existencial, uma vez que figura os limites e os alcances do sujeito moderno ou do mundo degradado. A exatidão da tese de Benedito Nunes revela-se na sua real complexidade quando o crítico afirma:

> Esse feeling do fracasso da linguagem acompanha, como um baixo-contínuo, o jogo que se estende à própria narrativa, convertida num espaço literário agônico. É esse espaço, onde se travam um embate e um debate que também encontramos em A Hora da Estrela. (NUNES, 1989, p. 168).

O achado de Benedito Nunes transforma-se no limite último de sua leitura. Daqui, do espaço agônico da literatura não há mais para onde ir. A argúcia do crítico fecha-se em copas para revelar o surgimento de novos elementos na vida estéril da emigrante nordestina, figurada por Clarice Lispector. De certo modo, **O Drama da Linguagem** mimetiza **A Hora da Estrela** para se tornar um livro sobre o fracasso. O avanço diante da paralisia exigiu da crítica literária uma redefinição dos problemas solucionados por Benedito Nunes, sem que isso implicasse o esquecimento de suas considerações sobre Macabéa e Rodrigo S.M.

Poder-se-ia, diante dessas considerações, entender a razão da resistência de Benedito Nunes em estabelecer a temática social como vetor predominante da produção literária de Clarice. Afinal,

ela somente se fará, realmente, evidente – no encontro da forma com os conteúdos materiais – na trajetória de Macabéa. Nesse sentido, Benedito faz um recuo estratégico eficaz e surpreendente para filiar a postura de Clarice como intervenção negativa na ordem dos acontecimentos. A opção pelo hermetismo da obra de Clarice Lispector, até a publicação de **A Hora da Estrela**, constitui-se em postura reativa à experiência moderna e a banalização da vida. O problema, então, ganhará outros contornos quando vemos a história de Macabéa, pois parece que a escritora foi posta no córner, pressionada por uma miséria que teima em se tornar assunto e, assim, fazer-se presente na construção de sua literatura. Se isso não implica o abandono do hermetismo da linguagem, do trabalho esmerado da forma, é porque Clarice Lispector possui completa consciência do projeto literário que resolveu realizar.

Berta Waldman avança na resolução desse impasse quando estabelece os vínculos entre a produção literária de Clarice Lispector e o judaísmo. A sua percepção do problema não se realiza na revelação dos temas e referências religiosas na construção narrativa. Parece-me que a autora de **A paixão segundo C.L**. busca certas afinidades eletivas entre o escopo da tradição judaica e o espaço simbólico que obra de Clarice Lispector pretende ocupar. Isso não significa que a tradição judaica não se faça presente nos livros da escritora. As constantes referências bíblicas, todas apontadas com exatidão cirúrgicas por Berta Waldman, constituem indícios fortes de que esse é um campo fértil para investigação.

Nas palavras de Ângela de **Um sopro de vida**, romance de 1978:

> Há um silêncio total dentro de mim. Assusto-me. Como explicar que esse silêncio é aquele que chamo de o Desconhecido. Tenho medo Dele. Não porque pudesse. Ele infantilmente me castigar (castigo é coisa de homens). É um medo que vem do que me ultrapassa. E que é eu também. Porque é grande a minha grandeza. (1978, p.72).

Caso vejamos esse fragmento à luz das discussões a respeito da relação entre a obra de Clarice Lispector e a religiosidade, perceberemos que há, por detrás da filiação anunciada por Berta Waldman, o estabelecimento de um contrato ético imposto por Clarice Lispector aos leitores de sua obra, em que se almeja um grau de atenção comparável àquele exigido a quem almeja encontrar o mistério da vida. O movimento é de inscrição da atenção no jogo de armar da narrativa, no avanço do leitor nas artimanhas do círculo hermenêutico a que a escritora se propôs realizar. No vai e vem da leitura, no movimento pendular dos sentimentos que encontram a tradição e o mundo degradado, a produção literária de Clarice Lispector pretende romper a cadeia simbólica que reteriam os seus leitores no jogo das aparências da modernidade para lançar a narrativa na experiência do mundo reificado. “Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.” (Waldman, 1993, p. 93).

Rodrigo S.M: a solução do projeto literário

Não conseguir dizer em palavras é também não conseguir figurar a vida que não vive. É pelos espaços, pelo silêncio, e pelo não dito que se admite o fracasso da linguagem. Ora, se o problema é apresentado desse modo, o Judaísmo para Clarice Lispector é recuo estratégico para representar a modernidade. O impossível torna-se passível de ocorrer, porque a tradição oferece os materiais para a representação. As relações, tecidas nos romances, entre a fragmentação da vida moderna e os movimentos erráticos da humanidade, segundo a tradição religiosa, são equivalentes. Daí a totalidade poderia ser alcançada. Não se trata somente da história de Macabéa, mas da história de quem perdeu na história, figuração da alagoana retirante, desprovida de passado e de futuro. O tema não é a humanidade, mas dela é preciso servir-se como tema, a fim de reaver os laços que unem a narrativa à matéria histórica.

Na busca desse caminho, Berta Waldman afirma:

> O grande 'tema' da obra da escritora é, a meu ver, o movimento de sua linguagem análogo àquele próprio da tradição dos comentários exegéticos presos ao Pentateuco, que remetem ao desejo de se achegar à divindade, tarefa de antemão fadada ao fracasso, dada a particularidade do Deus judaico de ser uma inscrição na linguagem, onde deve ser buscado, mas não apreendido, obrigado a retornar sempre. A abertura para uma interpretação multiplicadora – eis a herança judaica por excelência, e a ela o texto de Clarice Lispector não fica incólume. (WALDMAN, 2004, p. 246).

A tentativa de recuperação não é possível. A realidade de Macabéa apresenta-se à semelhança da trajetória dos macabeus. Na mesma toada, a escrita de Clarice Lispector opera um princípio ético, materializado por uma obra que se inscreve na ausência, seja de palavras, seja de resposta para a desgraça, ou ainda de uma solução que dê fim à degradação. Por essa perspectiva, a razão primeira e última dessa literatura será identificável naquela que é a maior de todas as faltas; em uma palavra: a falta de Deus. "É a partir do lugar de Deus, presença inalcançável, que a linguagem dispara, provocando deslocamentos." (Waldman, 2004, p. 249).

Talvez seja necessário, diante dessas considerações, avançar sobre o problema anunciado por Berta Waldman para mediar a ausência de Deus como ponto de convergência das inquietações que animam essa literatura. Ora, a dimensão religiosa que opera a representação, além de estabelecer um vínculo direto com a tradição judaica, pode ser compreendida como um repertório simbólico, manuseado por Clarice Lispector, capaz de figurar a ambição da totalidade. Deus, por essa perspectiva, despir-se-ia de sua indumentária religiosa para tornar possível a nomeação de todo o universo de que Macabéa e Rodrigo S.M. são representantes.

Por isso, assumir as indicações de Berta Waldmam implica, para esse trabalho, duas conseqüências que, juntas, podem ajudar a solucionar o impasse da obra de Clarice Lispector. São elas: a ambição da totalidade e a incompletude da narrativa. Ambos levam a representação literária para um impasse ético que, na sua estrutura, almeja figurar tanto a realidade e como a experiência

da violência vivida, intensamente, por Macabéa. Em outros termos, o local ocupado pela representação, descolar-se-ia da paralisia interna das personagens envolvidas na trama para uma espécie de busca da escritora por uma suspensão do juízo frente àquilo que se inscreve na brochura do romance. O que vemos é o todo, a miséria a que as suas personagens estão destinadas, sem que haja qualquer saída para os obstáculos postos pela narrativa. Para o sucesso dessa empreitada, Clarice Lispector opta, corajosamente, por tematizar os elos de classe de um narrador que não consegue escapar das armadilhas da ideologia.[1] A escrita, com isso, torna-se o problema da representação literária, bem como se explicita a dificuldade de abarcar a complexidade do tecido social que serve de material de base para **A Hora da Estrela**.

Nas palavras de Rodrigo S.M.:

> Por que escrevo? Antes de tudo porque captei o espírito da língua e assim às vezes a forma é que faz conteúdo. Escrevo portanto não por causa da nordestina, mas por motivo grave de "força maior", como se diz nos requerimentos oficiais, por "força de lei". (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Em sua tese, Berta Waldman tece observações sobre o narrador, Rodrigo S.M. como quem se aproxima com afeto de Macabéa:

> Macerando a afetividade e afinando a atenção se aproxima da personagem, adere a ela, estabelece com ela um liame afetivo de tal modo empático que se transforma a si próprio em objeto a ser contado, o que imprime a narrativa um transcurso paralelo: um sujeito que se conta ao mesmo tempo que conta Macabéa, numa alterância de discurso direto e indireto, contíguos e deslizantes, um silhuetado no outro, um espelhado e identificado pelo outro". (WALDMAN, 1993, p. 98).

Malgrado a força da argumentação de Berta Waldman, há um problema que, julgo, mal resolvido: o da afetividade de Rodrigo S. M. para com Macabéa. Segundo os argumentos levantados até aqui por esse artigo, o afeto anunciado por Berta Waldman somente pode ser entendido se a narrativa não fosse, ela mesma, uma ilusão. Afinal, uma leitura atenta de **A Hora da Estrela** revela que o afeto, na verdade, é julgamento e impossibilidade de aceitação da vida que leva a alagoana. Se afeto é sinônimo de respeito à dignidade da personagem reificada a quem Rodrigo S.M dedica a sua atenção, a figuração da relação de Macabéa com o narrador de sua história apresenta-se na violência desmedida. O que vemos é a engrenagem de uma máquina terrível que não poupa nenhuma ilusão frente à modernização das relações sociais e materiais. Pior, uma máquina que impede a aceitação do outro como ele é, com suas limitações e angústias. Rodrigo S.M., nesse sentido, representa a indignação materializada em rancor quando o centro da narração são os percalços da semi-analfabeta que nada lê, que nada sabe.

---

[1] A fortuna crítica dedicada à discussão a respeito da ideologia é, como sabemos, extensa e repleta de variações seja de abordagem sobre o conceito, seja de formulação a respeito das implicações que ele possui diante da experiência moderna. No caso deste trabalho, compreende-se ideologia como a cadeia de sentidos, hegemonia e homogênea, que não poupa ninguém de suas influências. Estaríamos, portanto, muito próximos da discussão promovida por Theodor W. Adorno sobre o tema. Todavia, Terry Eagleton parece, de modo sistemático, apresentar as questões sobre as *armadilhas ideológicas* com precisão cirúrgica. (CF: Bibliografia)

A existência de Macabéa é insuportável para Rodrigo S. M. e isso Clarice demonstra, com maestria. Enquanto bebe vinho branco e delicia-se com as frutas que realçam o sabor da bebida, Rodrigo S.M. vilipendia a retirante nordestina. O afeto, por isso, não se encontra na relação do narrador com a personagem, mas, sim, no cuidado da escritora com a vida que pretende representar.

Uma aproximação mais detida da forma do romance de Clarice Lispector apresenta a insistência de uma figura de linguagem que, constantemente, inscreve-se nas mediações dos acontecimentos e dos comentários do narrador. A ironia parece ser a argamassa que percorre a construção d'**A Hora da Estrela** à medida que é raro o momento em que ela não se faz presente. O curioso, contudo, é que a ironia de Clarice Lispector, quando materializada na história de Macabéa, não causa o riso, a gargalhada provocada por um sopro do espírito. Ao contrário, ela parece ser instrumento de desarme da prepotência com a qual o narrador avalia a trajetória da retirante nordestina; em outros termos, movimento de desestruturação de uma objetividade que não permite a existência de um outro (Macabéa) que Clarice Lispector insiste em apresentar ao leitor de seu romance sem qualquer julgamentos ou preconceito. A autora, nesse sentido, apresenta o seu lirismo pela inversão demolidora da sua ironia contra o olhar de classe, contra a especialização da literatura, contra os desmandos de um universo que se apresenta com dentes arreganhados contra quem nada sabe e nada importa.

Apenas para revelar a complexidade desse movimento de intervenção crítica, é necessário recortar, dentro do romance, um campo em que os problemas anunciados tornem-se materiais para o leitor desse artigo. No caso, é preciso evocar, mesmo que de modo sumário em decorrência da natureza desse trabalho, a Dedicatória de **A Hora da Estrela**. Afinal, no pequeno texto que abre o romance já podemos perceber o movimento de demolição que Clarice impõe à prepotência de Rodrigo S.M. Vejamos mais de perto o problema:

> DEDICATÓRIA DO AUTOR
> (Na verdade Clarice Lispector)
>
> Pois dedico esta coisa aí ao antigo Schumann e sua doce Clara que hoje são ossos, ai de nós. Dedico-me à cor rubra e escarlate como o meu sangue de homem em plena idade e portanto dedico-me a um sangue. Dedico-me sobretudo aos gnomos, anões, sílfides e ninfas que me habitam a vida. Dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta. Dedico-me à tempestade de Beethoven. À vibração das cores neutras de Bach. A Chopin que me amolece os ossos. A Stravinsky que me espantou e com quem voei em fogo. À "Morte e Transfiguração", em que Richard Strauss me revela um destino? Sobretudo dedico-me às vésperas de hoje e a hoje, ao transparente véu de Debussy, a Marlos Nobre, a Prokofiev, a Carl Orff, a Schönberg, aos dodecafônicos, aos gritos rascantes dos eletrônicos - a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em: eu. Esse eu que é vós pois não agüento ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. Meditar não precisa de ter resultados: a meditação pode Ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever. O que me atrapalha a vida é escrever.

> E – e não esquecer que a estrutura do átomo não é vista mas sabe-se dela. Sei de muita coisa que não vi. E vós também. Ao se poder dar uma prova da existência do que é mais verdadeiro, o jeito é acreditar. Acreditar chorando.
>
> Esta história acontece em estado de emergência e de calamidade pública. Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós? É uma história em tecnicolor para ter algum luxo, por Deus, que eu também preciso. Amem para nós todos.

Se a Dedicatória é endereçada a figuras ilustres da tradição musical como Schumann, Beethoven, Bach, Chopin, Stravinsky, Strauss, Debussy, Marcos Nobre, Prokofiev, Carl Orff, Schönberg e aos dodecafônicos, ela também é dirigida para os gnomos, anões, sílfides e ninfas que lhe habitam a vida. O alto e o baixo se encontram de modo a elaborar uma totalidade armada que tudo contempla à medida que serve de elemento ao questionamento do refinamento intelectual de Rodrigo S. M.. Perdido entre as ninfas imaginárias e os acordes dos grandes compositores, o narrador é apresentado com a sua cultura de almanaque em que os conteúdos são percorridos numa nauseante superficialidade, carente de uma hierarquia que lhes configure valor. Tudo vale para Rodrigo S.M.. Por isso, será, para ele, uma tarefa impossível saber por que Macabéa não reage.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Notas de Literatura**. Barcelona: Ediciones Ariel, 1962.

ANDRADE, Mario. “Movimento modernista”. In: **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Ed. Universidade São Paulo – Itatiaia, 1988, 1º ed.

ARÊAS, Vilma. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos**. São Paulo: Schwarcz, 2005.

______. “Un poço de sangre” (Observaciones sobre *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector). In: Revista *Escritura*, XIV, 28, Caracas, julho-dezembro, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da Cultura .** Trad. Sérgio Paulo Rounet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. – 7. ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas: vol. 1).

CANDIDO, Antonio, “No Raiar de Clarice Lispector”. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p 127-131.

CARDOSO, Lúcio. “Perto do Coração Selvagem”. In: **O Diário Carioca**. Rio de Janeiro: março. 1944

EAGLETON, Terry. **Ideologia.** São Paulo: Editora da UNESP/Boitempo, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

GOTLIB, Nádia Battella. “Clarice, um Retrato Digno”. In: **Folha de São Paulo**, 21 ago. 1983.

HEGEL, G.W. **Estética**. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

HOMEM, Maria Lucia Stacchini Ferreira. **No limiar do silêncio e da letra: traços da autoria em Clarice Lispector.** Dissertação de Mestrado apresentada à área de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH/USP, sob orientação do Profa. Dra. Passos, Cleusa Rios Pinheiro, 2001.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rooco, 1998.

______. **A Paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.

______. **Um Sopro de Vida.** Pulsações. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

LUKÁCS, George. Teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

KADOTA, Neiva Pitta. **A Tessitura Dissimulada – O social em Clarice Lispector.** São Paulo: Estação Liberdade, 2 ed., 1997.

MILLIET, Sérgio. “Perto do Coração Selvagem”. In: **Diário Critico**. 2. ed. São Paulo, Martins-Edusp: 1981, v. II., p. 27-140.

NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

______. **O dorso do tigre**. São Paulo: Perspectiva, 1969 [Debates]

WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector: A paixão segundo C.L.** 2 ed. São Paulo: Escuta, 1992

______. **Entre passos e rastros** (Presença judaica na literatura brasileira contemporânea). 2001. 238 p. Tese (Livre Docência no Departamento de Letras Orientais) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2001.